

## DA ARTE E DA PAISAGEM I

### EXPOSIÇÕES DE ARTE CONTEMPORÂNEA NA PAISAGEM: ANTECEDENTES, PRÁTICAS ACTUAIS E PROBLEMÁTICA<sup>1</sup>

#### ANTES DA PESQUISA

A ideia de avançar para um trabalho de doutoramento remonta a 2006, a uma sugestão de Lúcia Almeida Matos, hoje directora da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, que viria a ser minha orientadora. Encontrando-me então fora do meio universitário e a trabalhar no sector cultural – na Galeria Municipal do Porto, na altura designada Galeria do Palácio – pretendia abordar uma temática que tivesse interesse para o papel que aqui desempenhava, na programação e produção de exposições.

Uma pesquisa exploratória sobre o assunto revelou um volume significativo de publicações e vasta investigação académica, no plano internacional. Era necessário identificar limites de trabalho no interior desta área, o que ocorreu em conversa com Lúcia Matos que formulou o desafio – estudar as exposições de escultura na paisagem, já que estas não evidenciavam a mesma cobertura que outras exposições haviam merecido.

Durante cerca de um ano fiz pesquisa exploratória, recortada pelas fronteiras deste tópico, abrangendo livros, revistas, websites institucionais, plataformas digitais sobre arte e natureza. Ao longo desse ano, o tema foi-se clarificando e a sua definição estabilizando. Quando avancei para os três anos de investigação, um levantamento bibliográfico e documental preliminar estava já realizado e a estrutura do trabalho encontrava-se já montada. Era elementar: exposições; paisagem; exposições na paisagem. Estavam igualmente formuladas interrogações capitais: que motivações presidem à criação de exposições na paisagem? Que questões emergem da fruição artística num contexto de paisagem? Que dispositivos caracterizam esse contexto? Que reflexos se divisam na prática artística em resultado da sua apresentação nestas condições específicas? Que novos problemas se colocam à curadoria artística sediada na paisagem? Que alterações conhecem a colecção, a exposição temporária e a permanente, a autoria e outros conceitos associados ao sistema artístico em tal ambiente? Constitui a apresentação de exposições na paisagem uma via alternativa à atmosfera consumista e de espectáculo que caracteriza a museologia contemporânea?

Os recursos e as estratégias metodológicas mobilizados tiveram como pressuposto o de uma investigação que haveria de ocorrer no território e não no arquivo, com trabalho de campo e não de gabinete, embora com a consciência de que um não sobrevive sem o outro. A natureza do objecto de estudo determinou a visitas aos núcleos expositivos seleccionados e a experiência da paisagem. A pesquisa decorreu entre estudo teórico e percurso activo, consulta bibliográfica e visitas, recolha de informação e práticas de uso. Foram muitas as caminhadas no território, em jardins, parques urbanos e não urbanos, florestas e zonas em reconversão ambiental localizadas em países europeus.

A metodologia assumiu contornos interdisciplinares, fundada em autores determinantes: Hans Belting que aponta como orientação para o historiador de arte, o diálogo entre várias disciplinas das humanidades, em vez do olhar desconfiado que procura as especificidades inerentes a cada uma<sup>2</sup>; Keith Moxey que considera que a validade da história da arte reside nesta indagação sobre o lugar que ocupa num quadro epistemológico<sup>3</sup> e na aproximação a campos das humanidades ultrapassando o preconceito da “passagem ilegal de fronteiras”<sup>4</sup>; Donald Preziosi para quem “a história da arte incorporou uma amálgama de métodos analíticos, perspectivas teóricas, protocolos retóricos e discursivos e tecnologias epistemológicas de diversos períodos e origens”<sup>5</sup>. História da arte, estudos de cultura visual, museológicos e curatoriais constituíram o cenário onde se movimentaram os actores inquiridos – artistas e suas intervenções, museólogos, curadores – e os discursos por eles instituídos nos contextos paisagísticos de apresentação da arte.



Sobre uma obra de Michelangelo Pistoletto, 1993-94 – *Île de Vassivière* - França.

No outro domínio, o da paisagem, a bibliografia conduziu a disciplinas como a arquitectura, arte, geografia, antropologia ou arqueologia, o que impôs a necessidade de consulta de alguns dos autores mais referenciados nestes domínios e a partilha de preocupações científicas e de perspectivas críticas.

Ainda hoje guardo vestígios da operacionalização do trabalho, pastas com os materiais reunidos, fichas de leitura e imagens comentadas que consulto de tempos a tempos.

## DURANTE A PESQUISA

Delimitados os campos disciplinares o objecto de estudo e a problemática, definiram-se três tipologias reveladoras das relações entre arte e paisagem, num plano expositivo: parques de escultura; itinerários de arte na paisagem; núcleos de arte e reabilitação ambiental. No interior de cada tipologia escolheram-se três casos assentes em critérios comuns – um caso pioneiro, um de continuidade e um alternativo, situados a partir dos anos 70 do século XX. Os parques seleccionados foram: Yorkshire Sculpture Park, Inglaterra (1977); Parc de Sculptures du Domaine de Kerguéhennec, França (1986); *TICKON Tranekaer International Centre for Art and Nature*, Dinamarca (1993); os itinerários: *Grizedale Forest*, Inglaterra (1977); *Sculpture in Woodland*, Irlanda (1994); *Centro de Arte y Naturaleza*, Espanha (1995); núcleos de arte e ambiente: *Centre International d'Art et du Paysage de l'île de Vassivière*, França (1983); *Montenmedio. Arte Contemporáneo*, Espanha (2001); *Sculpture in the Parklands*, Irlanda (2002).

Abordei a paisagem como espaço expositivo e a exposição como instrumento de construção cultural da paisagem; duas entidades envolvidas na criação de significados contextuais para a arte. Algumas noções, de matriz problematizante, emergiram para qualificar os núcleos expositivos: excêntricos, alternativos, de resistência, de envolvimento, destinados a sujeitos activos, de visão ambulatória; museus-oficina e residência; curadoria partilhada e do imprevisto; museus do tempo; museus por encomenda.

Comecei a tese com a frase: *A visibilidade da arte está largamente, se não mesmo exclusivamente, subordinada ao acto da sua exposição, lugar de contacto entre a arte e o público*. E terminei-a com: *não existe natureza enquanto tal, mas apenas enquanto paisagem; não existe arte enquanto tal, mas apenas em exposição*. O trabalho foi publicado em 2012 pela Fundação Eng.º António de Almeida, por decisão do Dr. Fernando Aguiar Branco (1923-2021) a quem aqui presto homenagem, com design gráfico do professor e amigo Armando Alves, a quem deixo uma palavra de agradecimento.

## DEPOIS DA PESQUISA

Afinal, não voltei ao sector cultural e, depois de concluir a tese, ingressei no ensino universitário, na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa. Os conhecimentos adquiridos, no entanto, tiveram forte impacto no modo como passei a escrever sobre exposições e a reflectir sobre a sua organização e os seus modelos, nos comissariados em que estive envolvida. Por outro lado, permitiram-me orientar disciplinas sobre a história das exposições, dinâmicas curatoriais, práticas museológicas, entre outras. Penso que terá sido um dos primeiros trabalhos em Portugal dedicados às exposições, uma vez que teses e dissertações, revistas científicas, cursos de mestrado e programas doutorais neste domínio surgiram maioritariamente na segunda década do século XXI. Num olhar retrospectivo haveria de considerar que, tal como se tinham já afirmado *walking artists*, os núcleos de arte na paisagem exigiam *walking visitors* e *walking researchers*, categoria em que me incluo.<sup>6</sup>

<sup>1</sup> Tese de doutoramento em Arte e Design defendida em 2010, na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

<sup>2</sup> BELTING, Hans – *L'histoire de l'art est-elle finie?* S.I.: Gallimard, 2008, p. 67.

<sup>3</sup> MOXEY, Keith – *The practice of theory. Poststructuralism, Cultural Politics, and Art History.* Ithaca and London: Cornell University Press, 1994, pp. 24-25.

<sup>4</sup> MOXEY, Keith – *The Practice of Theory. Poststructuralism, Cultural Politics, and Art History.* Ithaca and London: Cornell University Press, 1994, p. 25.

<sup>5</sup> PREZIOSI, Donald, ed. – *The Art of Art History: a critical anthology.* 2nd ed. Oxford: Oxford University, 2009, p. 13.

<sup>6</sup> CASTRO, Laura (2018). *From walking artist... to walking visitor... to walking researcher.* InterArtive. Special Issue Walking Art / Walking Aesthetics. <https://walkingart.interartive.org/>

LAURA CASTRO – Doutorada em Arte e Design pela Universidade do Porto – Faculdade de Belas Artes (2010) e mestre em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (1993). Professora na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, de que foi directora entre 2013 e 2017, e investigadora do Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes da mesma Escola.

Entre o início da década de 90 e 2006, trabalhou no sector cultural. É membro da APHA (Associação Portuguesa de Historiadores de Arte) e da AICA (Associação Internacional de Críticos de Arte). Preside à direcção do Círculo de Cultura Teatral/Teatro Experimental do Porto.